

## Caminhos e descaminhos do dicionário

Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão<sup>1</sup>

O dicionário tem uma longa história. Dependendo do objetivo que se tenha em mente ao fazer o resgate de sua história, pode-se dizer que as primeiras manifestações humanas relacionadas à produção de imagens e de linguagem icônica são as pinturas rupestres, as quais pertencem à época conhecida como Pré-História. Tais pinturas mostram não apenas cenas da vida diária dos homens daquele período histórico como também são consideradas, por alguns, rudimentos da escrita sistêmica e, embora não devam ser consideradas como escrita propriamente dita, foram o primeiro passo que o homem deu no caminho da escrita, podendo, assim, ser relacionadas à história dos dicionários.



fig. 1: pinturas rupestres

Pode-se optar, também, por associar o dicionário às tabuinhas sumérias, encontradas em distintos pontos da antiga Mesopotâmia, ou aos papiros egípcios, que, sem dúvida alguma, constituíram não apenas um sistema precioso que permitia o registro da contabilidade, das leis, das palavras e de seus significados, mas também o aflorar da literatura, e, naturalmente, do dicionário.



Fig. 2: tabuinha suméria

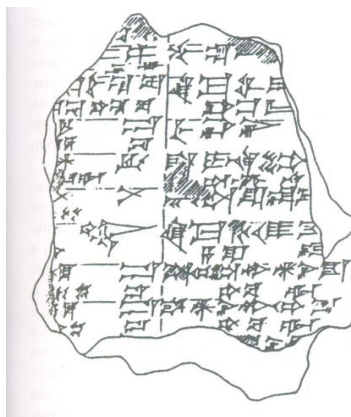


Fig. 3: dicionário bilingüe

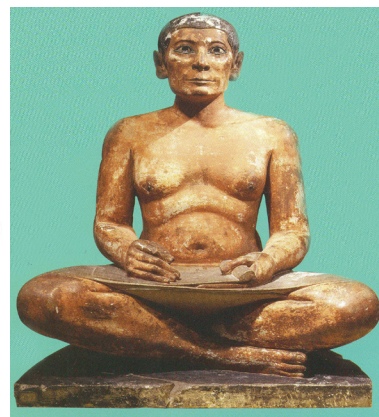


Fig. 4: escriba egípcio

Entretanto, neste número da Revista Extensio, acataremos a opinião de uma grande estudiosa da Lexicografia, Maria Tereza Camargo Biderman, para quem o campo de saber que se centra no estudo dos dicionários esclarece que a “verdadeira Lexicografia” e, portanto, o verdadeiro dicionário, surgiu no final da Idade Média, mais precisamente no século XV. Nessa época, os monges copiavam livros à mão nos *scriptorium* dos mosteiros onde realizavam seu labor religioso: havia monges cuja função era simplesmente copiar os códices, e outros que se encarregavam de adorná-los com figuras e iluminuras. Os monges copistas faziam anotações nas margens das páginas dos manuscritos ou entre suas linhas, anotações essas que receberam o nome de glosas.

1 Professora da Universidade Federal de Santa Catarina, do Programa de Pós-Graduação em Linguística e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, e Bolsista de Produtividade do CNPq.

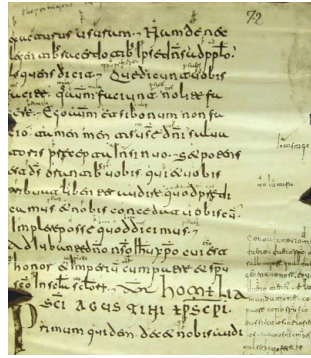


Fig. 5: tabuinha suméria



Fig. 6: Reprodução de capa de manuscrito da Idade Média

Com o passar do tempo, as glosas foram se tornando imprescindíveis para o entendimento dos textos, porque o latim falado foi se distanciando cada vez mais do latim escrito, por isso as glosas acabaram por se transformar em glossários. Primeiramente, os glossários eram pouco sistemáticos e, como dissemos, se estendiam sobre as palavras dos textos ou nas laterais das páginas dos códices, mas acabaram sendo adicionados no final dos códices copiados pelos monges. Inicialmente essas glosas não tinham nenhum critério, mas, devido à confusão que essa falta de critérios produzia, elas passaram a ser repertoriadas segundo a ordem alfabética.

Esse nível de organização foi o término do processo de elaboração do dicionário, ou seja, ao organizarem as glosas segundo o critério alfabético, os monges copistas “inventaram” ou, pelo menos, concluíram o processo de criação do dicionário tal como o entendemos hoje.

O repertório léxico mais conhecido da Idade Média foi o *Dicionário Calepino*, um dicionário bilingue latim-italiano publicado por Ambrogio Calepino, na Itália, em 1502. Conforme Martínez de Sousa destacou em seu trabalho, *Manual de Lexicografia*, o dicionário de Calepino foi traduzido para várias línguas, entre elas, o francês, o alemão, o inglês, o espanhol, o dalmata, o húngaro, o boêmio e o polaco. A fama desse dicionário foi tão grande que o nome Calepino acabou se consagrando como sinônimo de dicionário.

Outro lexicógrafo, Henri Béjoint, explicou que, entre o século XV e o século XX, a Lexicografia avançou muito pouco, embora o número de dicionários monolíngues e bilingues tenha se multiplicado incomensuravelmente. Disse esse autor, com razão, que, até meados do século XX, a elaboração de dicionários ainda era uma atividade artesanal, já que os dicionários eram quase sempre feitos por amadores, os quais normalmente se apoiavam em sua própria intuição. Aos poucos, essa realidade foi sendo modificada, e a Lexicografia foi se transformando num campo científico. Ainda hoje, há alguns estudiosos que questionam a cientificidade desse campo do saber, mas outros mostram que vários dicionários têm sido feitos à luz de evidências de métodos rigorosamente científicos. Além da Lexicografia teórica, hoje, há também a Metalexicografia, cuja função é estudar, planejar, elaborar e criticar dicionários segundo os princípios da Lexicografia e de outras áreas científicas. Nos casos mais exitosos de dicionários, os lexicógrafos fazem, previamente, planejamentos detalhados da tarefa a ser levada a efeito, ponderando minuciosamente sobre o destinatário potencial do dicionário e aplicando, na consecução de seu trabalho, critérios adequados aos interesses desse destinatário.

Depois da Segunda Guerra Mundial, a Lexicografia começou a aliar-se com outros campos de saber das ciências da linguagem e, já há algum tempo, vem mantendo intenso diálogo com a Linguística de Corpus. Os recursos oferecidos por esse campo do saber vêm limando algumas das asperezas do trabalho lexicográfico, sempre inquestionavelmente árduo. Se bem organizado, um *corpus* linguístico tem capacidade, como sustenta Aquilino Sánchez, para proporcionar meios para potencializar o trabalho lexicográfico, levando à produção de dicionários de excelência.

Hoje, são vários os pesquisadores que voltam o seu esforço para o estudo da Lexicografia e da Metalexicografia, tanto é assim que os dicionários vêm mudando tanto no que concerne aos conteúdos que vêm cultivando como no que concerne ao seu formato, o qual vem abraçando os avanços técnicos e científicos das sociedades modernas (suporte de pedra, madeira, papiro, papel, CD-ROM, cristal líquido, etc.).

Para este número da Revista Extensio, preparamos um *dossier* no qual quatro estudiosos dessa temática apresentarão sua contribuição para o desenvolvimento da Lexicografia e da Metalexicografia e para um melhor conhecimento do dicionário.



argila

papiro

pergaminho

papel

tela de vidro (cristal líquido)